

AUTORES PELOTENSES: QUEM FOMOS NÓS ONTEM E ANTEONTEM?

Cíntia Schwantes
UFPel

O projeto “Jornal, literatura, cultura: Autores Pelotenses” pretende mapear o sistema literário da cidade de Pelotas através da coleta, leitura e análise dos textos publicados. Como o projeto está em sua fase inicial, a equipe responsável está compondo um banco de textos que permita sua consulta e manipulação. (Alguns jornais antigos já não apresentam mais condições de manipulação e/ou legibilidade. Assim, a tarefa de passar os textos dos jornais que ainda são manipuláveis para um meio que garanta sua perpetuação se impõe com certa urgência). O projeto foi desmembrado em períodos para facilitar sua execução. Presentemente, trabalhamos com o período compreendido entre 1851 (data do início da circulação do primeiro jornal regular da cidade) e 1889, data tomada como limite por seu significado histórico, embora não sinalize mudanças na concepção de jornalismo ou na circulação de jornais em Pelotas. Futuramente, o projeto pretende abranger períodos mais recentes, até a atualidade. A equipe é interdisciplinar e interinstitucional, composta pelas professora doutora Maria Thereza Rosa Ribeiro (Departamento de Sociologia e Política- ISP – UFPel), professora doutora Beatriz Ana Loner (Departamento de História e Antropologia – ICH – UFPel), professora doutora Maria Amélia Idiart Lozano (Departamento de Letras – ILA- UFPel), professor doutor Rildo José Cosson Mota (Departamento de Letras – ILA – UFPel), professora doutora Cíntia Carla Moreira Schwantes (Departamento de Letras _ ILA – UFPel), professora doutora Néa Maria Setúbal de Castro (Departamento de Letras e Artes – FURG), pelos mestres José Martiniano Rodrigues Remedi e Nívea Simone Lira Eslabão, e por alunos bolsistas e colaboradores.

Ao nos debruçarmos sobre a produção literária veiculada nos jornais pelotenses do período estudado, não pretendemos encontrar obras perdidas (embora isso possa acontecer: já foram encontrados dois poemas inéditos de Lobo da Costa, um dos poetas importantes da cidade) ou resgatar autores de obras de boa qualidade literária que por qualquer motivo tenham sido excluídos do cânone. Nosso objetivo, antes, é o de mapearmos o conjunto das idéias que circulavam na cidade, que eram veiculadas pela mídia, discutidas pela população e constituíam as balizas dentro das quais a cidade construiu sua visão de si mesma e de seu(s) outro(s).

À época em que começou a circular o primeiro jornal regular de Pelotas, a cidade abrigava um certo número de charqueadas, cujo produto tinha mercado certo (os engenhos de cana no Nordeste). A mão de obra escrava nas charqueadas e o pequeno número de pessoas empregadas na criação de gado baixavam o custo da produção e garantiam o retorno financeiro aos donos das charqueadas. Como resultado, a cidade como um todo enriqueceu, criando as condições para a produção e o consumo de bens culturais. Entre estes, a cidade ostentou um grande número de sociedades beneficentes, recreativas, de classe, religiosas e maçônicas e literárias. Estas últimas, além de publicarem intermitentemente folhetos constando da produção de seus sócios, congregavam grande parte dos colaboradores dos jornais da época. Pelotas contou com mais de dez sociedades literárias, de curta duração, que se sucediam, contando basicamente com os mesmos integrantes.

Além disso, as companhias líricas e dramáticas, mesmo quando não incluíam Porto Alegre em seu itinerário, faziam uma parada em Pelotas, quando estavam a caminho de Buenos Aires ou Montevideu. Isso nos indica a existência de um público para essas

atividades mais numerosas em Pelotas, que passou a ser denominada de Atenas Riograndense, do que na própria capital do estado. Um dos motivos, provavelmente, é que Pelotas era mais rica do que Porto Alegre e portanto dispunha de um maior número de pessoas dispostas ao dispêndio exigido para uma noite na ópera, ou no teatro.

Outro elemento importante na constituição do sistema literário da cidade é o fato de que aqui moravam estancieiros cujas propriedades transcendiam as fronteiras com a Argentina e o Uruguai e que, por essa contingência, dividiam seus afazeres, e seu lazer, entre os dois países. Assim, os produtos culturais dos países do Prata passam a fazer parte da vida da cidade. O próprio hábito de freqüentar teatros e óperas, por exemplo. E até porque o vínculo dos portenhos com a cultura francesa é intenso, o modelo predominante em Pelotas será, também, francês. Assim, o culto às manifestações artísticas fará parte da autoimagem construída na e pela cidade, e a literatura é uma dessas manifestações.

O período compreendido entre 1851 e 1889 verá o surgimento de muitos periódicos: jornais diários, geralmente ligados a partidos políticos, cuja qualidade editorial e gráfica deixava a desejar. Todos eles reservavam bastante espaço para os textos literários, até porque a cidade não produzia notícias em quantidade suficiente para sustentar o fluxo de um jornal, e a ausência de fotografias ampliava o espaço impresso a ser preenchido. Assim, as edições diárias eram supridas com matérias de interesse dos leitores, que garantissem a venda dos jornais, como anúncios e editais, que tomavam um certo espaço. Igualmente, notícias vindas da corte ou do exterior (inclusive a crítica das peças de teatro em cartaz em Paris) eram publicadas com alguma defasagem, e muitas vezes na forma de tradução de artigos de jornais estrangeiros. E, embora o ponto forte dessas publicações fossem os ensaios, que veiculavam o ponto de vista do grupo político ao qual o jornal era vinculado, o lugar de honra era reservado ao folhetim. Entre estes, a maioria era formada por traduções de folhetins estrangeiros, mas alguns foram escritos na própria cidade e publicados sob pseudônimo (como, por exemplo, Os mistérios de Pelotas, ao qual não faltam amores impossíveis, mulheres misteriosas e um crime de difícil solução).

Na década de 80, circulavam em Pelotas dez jornais. A publicação não era regular, e os jornais se autodefiniam como “joco-sério”, “literário-crítico” e outras formas que incluem o literário. Provavelmente essa autodefinição não deve-se apenas à contingência de dependerem os jornais de textos literários diversos (poemas, crônicas, fantasias, contos, além do indefectível folhetim) para terem material imprimível. O valor simbólico do texto literário, como veículo e atestado de cultura e conhecimento, deveria pesar na escolha de um epíteto que caracterizasse o jornal. Tem seu peso o fato de que o texto literário, em seus vários gêneros e suas várias formas de circulação, constituiu-se em uma das principais formas de acesso ao conhecimento das classes médias urbanas, e o capital simbólico ostentado por seus membros era formado pela leitura dos autores da moda. (Vale lembrar que autores consagrados, como Francisco Otaviano, marcam presença nos jornais pelotenses da época. Ainda não conseguimos estabelecer se tais autores tinham conhecimento do fato).

Da mesma forma, a colaboração nos jornais faz parte de um capital cultural que pode ser ostentado – mesmo quando publicada sob pseudônimo, uma vez que em sociedade tudo se sabe; ou ao menos nas sociedades literárias. Os colaboradores dos jornais, não obstante, contavam com uma profissão que lhes garantisse a subsistência. Alguns eram profissionais liberais (advogados, professores, funcionários públicos), outros eram artesãos, membros de uma baixa classe média urbana que, a rigor, não pertenciam à elite da cidade. A produção literária e a participação nas sociedades literárias eram seu passaporte para a ascensão social, se não em termos econômicos, efetivos, ao menos simbolicamente. Seus nomes, seus pseudônimos, seus poemas, contos ou crônicas, irão, esperamos, revelar quem nós fomos no passado, para que possamos melhor entender quem somos no presente.